



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO CURSO DE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Vângela Pereira Silva

**JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO PALMARES II E TRABALHO NO
CAMPO**

MARABÁ – PA 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO CURSO DE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Vângela Pereira Silva

**JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO PALMARES II E TRABALHO NO
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará,
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciada em Educação do Campo, na área de
Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof. Me. Amintas Lopes da Silva
Junior



**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

Silva, Vângela Pereira

Juventude do Assentamento Palmares II e trabalho no campo / Vângela Pereira Silva ; orientador, Amintas Lopes da Silva Junior. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Educação rural - Aspectos sociais – Parauapebas (PA). 2. Juventude rural. 3. Assentamentos humanos. 4. Agricultura familiar. 5. Professores de educação rural. I. Silva Junior, Amintas Lopes da, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.19346098115

Elaborada por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO CURSO DE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Vângela Pereira Silva

**JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO PALMARES II E TRABALHO NO
CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará,
como requisito para a obtenção do grau de
Licenciada em Educação do Campo, na área de
Ciências Agrárias e da Natureza.

Orientador: Prof. Me. Amintas Lopes da Silva
Junior

Defesa pública em: 20 de novembro de 2019.

Conceito: BOM

Banca Examinadora

Prof. Me. Amintas Lopes da Silva Junior (Orientador)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof.^a Me. Ailce Margarida Negreiros Alves (Examinadora)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof.^a Dr.^a Maria Neuza da Silva Oliveira (Examinadora)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Dedico esse momento de grande conquista e felicidade a todos aqueles que acreditam que sonhos são possíveis. Aos meus pais, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que houvesse essa grande realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com seu infinito amor.

O meu agradecimento aos meus pais Maria e João, que me apoiaram com palavras de incentivo, que juntos enfrentaram tantas dificuldades para que eu pudesse estudar.

Aos meus irmãos por estarem sempre torcendo por mim, em especial meu irmão Zedequias, que fez de tudo para tornar esse sonho possível, que me proporcionou tranquilidade e o conforto que tanto precisava.

A minha eterna gratidão a minha sobrinha Geovana (*in memoriam*) que me ensinou a valorizar cada momento dessa vida.

Agradeço ao meu companheiro Valter Bruno que esteve ao meu lado, me motivando e incentivando a vencer essa etapa da vida.

A minha amada e querida sobrinha LainaLorrane, o meu muito obrigada. Suas palavras de incentivo, otimismo e orgulho não me deixaram desistir desse curso, muito menos dessa tarefa difícil que é escrever.

O meu sincero agradecimento, com muito carinho e admiração, ao meu orientador Amintas, pela paciência, esforço e dedicação e por ter acreditado em mim.

Agradeço aos meus amigos e amigas: Bruna, Aline, Géssica, Romário Rodrigues, Fabislei, Paloma, Raiany, Ivagno, Romário Alves e Rosa, que me acompanharam de perto durante toda essa jornada. Obrigada pelo carinho e motivação nos momentos de desânimo.

Agradeço as minhas grandes amigas e companheiras Cristina Reis e Fabrícia Reis, por todo o apoio, cuidado e carinho: minha eterna gratidão!

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Educação do Campo, por toda contribuição e apoio no meu processo formativo.

Agradeço a todos os jovens e educadores do Assentamento Palmares que contribuíram na construção desse trabalho.

Meu agradecimento a todos da turma de Licenciatura em Educação do Campo do ano de 2014, em especial a turma de Ciências Agrárias e da Natureza, por tudo que passamos, seja os momentos bons ou ruins, e por todos os desafios que conseguimos vencer.

A todos os meus amigos e familiares que deram uma contribuição valiosa para a minha jornada acadêmica. Esse trabalho de conclusão de curso também é de todos vocês!

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – ASSENTAMENTO PALMARES II: HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO .	12
CARACTERIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS	11
1.1. Contexto histórico do Assentamento Palmares II	
1.2. Massacre de Eldorado dos Carajás	12
1.3. Assentamento Palmares II.....	13
1.4. Escolas do Assentamento Palmares II	20
1.5. Cultura e atividades econômicas do assentamento	21
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E TRABALHO NO CAMPO	23
2.1. Juventude e trabalho no campo, na visão de jovens do Assentamento Palmares II	26
2.2. Juventude e trabalho no campo, na visão dos educadores da Escola Crescendo na Prática	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo compreender a visão dos jovens e educadores do Assentamento Palmares II sobre o trabalho no campo e a inserção dos sujeitos no mercado de trabalho e quais suas perspectivas de vida da juventude camponesa. Entendendo a importância da permanência no campo dentro da atividade agrícola familiar, busquei com esse trabalho compreender como os jovens de Palmares II enxergam o assentamento enquanto espaço de reprodução da vida, diante das dificuldades postas, como a reduzida oferta de empregos e a escassez ou inadequação de políticas públicas, principalmente no tocante à educação fragilizada. Tracei um breve histórico do Assentamento Palmares II e apresentei sua caracterização atual, para, em seguida, apresentar as opiniões de jovens e educadores da Escola Crescendo na Prática sobre a temática trabalho e juventude do campo, e por fim, algumas reflexões sobre os dados coletados.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura familiar, permanência no campo, projetos de vida da juventude.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Ciências Agrárias e da Natureza, possui como proposta analisar e compreender a relação entre juventude e trabalho no campo, uma vez que as transformações na realidade desse espaço influenciam e reconfiguram a referida relação. Desta forma, investigamos o que tem levado os jovens de um assentamento de reforma agrária a sair do campo e entender suas estratégias de inserção no mundo do trabalho.

A pesquisa foi realizada no Assentamento Palmares II, conquistado através da luta pela terra no Estado do Pará, empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Palmares II está localizado na região sudeste do estado, no município de Parauapebas, fazendo ainda divisa com os municípios de Marabá e Curionópolis.

Observa-se que Jovens de Palmares II têm partido do assentamento em busca de oportunidades de trabalho. Além disso, há o recrutamento de trabalhadores pela Vale e pelas empresas terceirizadas que prestam serviço para a mineradora. Será que esse quadro pode estar contribuindo para que os jovens abandonem projetos de vida que envolvam a permanência no campo e o trabalho agrícola nos lotes? Ao mesmo tempo, verifica-se que há uma carência de programas e projetos sociais e culturais no assentamento, voltados ao enfrentamento da temática. Desta forma, tentamos compreender, por um lado, a participação do jovem do campo na agricultura e, por outro, qual a influência que essas empresas têm nos planos desses jovens.

Sou filha de assentados e moradores do Assentamento Palmares II, nascida na cidade de Curionópolis, originalmente conhecida como “Trinta”. Quando eu tinha dois anos de idade, minha família se mudou para o Assentamento Palmares II. Estudei, desde os primeiros anos na creche até concluir o ensino médio, na Escola Crescendo na Prática. Em 2014, ingressei no Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, na cidade de Marabá. Durante a educação básica, passei os melhores e os piores momentos no assentamento, tive uma formação cheia de obstáculos, pois com a falta de professores passávamos meses sem aulas.

Quando enfim chegavam os professores, eu e os meus colegas não conseguíamos chegar até a escola por falta de transporte, pontes quebradas, estradas sem condição nenhuma para os ônibus fazerem a rota. Naquela época, eu e meus colegas caminhávamos mais de quatro quilômetros para chegar até a estrada que estivesse mais acessível para poder pegar o

transporte escolar. E essas dificuldades ainda são enfrentadas até hoje pelos jovens que moram nos lotes, embora já se tenha passado anos desde o tempo em que eu enfrentava tudo isso para chegar à sala de aula. Entretanto, muita coisa ainda permanece do mesmo jeito.

Naquela época, muitos pais queriam tirar os filhos da roça, por causa das dificuldades que enfrentavam para estudar, e mandá-los para a cidade, para a casa de parentes, mas nem sempre era possível. Então, muitos pais saíram da roça e mudaram para dentro da vila do assentamento, era comum que o pai ficasse no lote e a mãe fosse morar na vila para cuidar dos filhos, enquanto o pai ficava trabalhando na roça para produzir o alimento. Eu enfrentei tudo isso, porém consegui concluir o ensino médio sem desistir da escola em momento algum. Muitos dos meus colegas desistiram da escola por essas e tantas outras dificuldades que não foi possível superar, deixando, assim, os estudos em segundo plano. Infelizmente, essa ainda é uma realidade de centenas de crianças, adolescentes e jovens do Assentamento Palmares II e de outros P.A.S.

Foi a partir dessa experiência que vivenciei e de outras experiências que me relataram ao longo das pesquisas realizadas no período da graduação que decidi me desafiar a desenvolver o trabalho de conclusão de curso com o tema juventude e trabalho. Tenho como objetivo compreender a juventude camponesa, em especial a juventude do Assentamento Palmares II, e suas perspectivas de vida, quais seus anseios, qual a importância do campo na vida desses jovens e quais os desafios que têm enfrentado para permanecer no campo.

Para conseguir esses objetivos utilizei como metodologia a aplicação de um questionário. As entrevistas foram realizadas com professores e jovens, sendo eles estudantes ou não: algumas entrevistas foram gravadas, em outras, os entrevistados, por falta de tempo, optaram em responder por escrito e me entregaram posteriormente. Para os jovens, o questionário continha 12 perguntas; para professores e gestores foram seis perguntas.

As questões foram elaboradas com o intuito de compreender o que tem levado os jovens a sair do campo para a cidade, se eles realmente querem sair do campo. Além disso, busquei entender o papel da escola na discussão sobre a juventude camponesa. Como fonte de informações, além das entrevistas, utilizei alguns dos relatórios das pesquisas de tempo comunidade anteriores, principalmente a primeira, que foi uma pesquisa sobre a história do Assentamento Palmares II, desenvolvida a partir das narrações de assentados sobre a constituição histórica do assentamento. Retornei também a outra pesquisa, também desenvolvida no tempo comunidade, que teve como temática juventude e trabalho. A partir

das entrevistas e das pesquisas de tempo comunidade mencionadas, realizei as análises que compõem o presente trabalho.

Nesse sentido, foi fundamental compreender como os jovens veem a existência, inexistência ou efetividade de políticas públicas para juventude, educação, esporte, lazer e inserção no mercado de trabalho e quais as dificuldades que eles enfrentam para conseguir acesso aos aspectos acima mencionados. Diante dos desafios que enfrentam, o que esses jovens pensam sobre oportunidades de estudo, inserção no mercado de trabalho, etc.?

Para me ajudar nas análises, alguns textos contribuíram bastante. As dissertações de mestrado de Bringel (2006) e Moreno (2011), trouxeram elementos importantes sobre a criação do Assentamento Palmares II. Stropasolas (2006) foi um dos autores mobilizados para entender a questão da juventude camponesa, assim como as reflexões sobre juventude, projetos de vida e ensino médio de Leão, Dayrell e Reis (2011). Guaraná (2009) contribuiu com o debate sobre os processos de exclusão por que passa a juventude rural brasileira e sua construção enquanto ator político. Essas leituras me ajudaram a entender sobre a juventude do campo e da cidade, sobre suas perspectivas, seus sonhos e se as dificuldades enfrentadas por ambas são as mesmas.

Além da literatura citada acima, os trabalhos de tempo comunidade realizados ao longo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo também foram de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Os dados coletados me ajudaram bastante na elaboração do texto, principalmente aqueles da primeira e segunda pesquisas, que tratavam da constituição do Assentamento Palmares II e sobre as práticas pedagógicas da Escola Crescendo na Prática a partir do levantamento de dados sobre a instituição, respectivamente.

Outras metodologias utilizadas foram entrevistas orais com estudantes recém egressos do ensino médio, com estudantes que ainda estavam cursando o ensino médio, com professores, gestores escolares e coordenadores da Comissão de Trabalho, Emprego e Renda de Palmares (CTERP). Os questionários usados nas entrevistas eram diferenciados de acordo com o público para o qual seriam direcionados.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo, trago um breve histórico do Assentamento Palmares II, seu processo de constituição na luta pela terra na região e sua caracterização atual, resgatando a memória da subsequente luta por educação e por justiça social, apresentando as escolas do assentamento, com especial destaque para a Escola Crescendo na Prática. Parte desta história é contada pelos próprios sujeitos e construtores dela. No segundo capítulo, trago a visão dos jovens e educadores do

Assentamento Palmares II sobre juventude e trabalho no campo, a partir de seus depoimentos. E por fim, em um tópico à parte, teço algumas considerações finais sobre o tema.

CAPÍTULO I – ASSENTAMENTO PALMARES II: HISTÓRICO DE CONSTITUIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

1.1. Contexto histórico do Assentamento Palmares II

O processo de constituição histórica de Palmares II tem início a partir da década de 1980 com a chegada do Projeto Grande Carajás, em Parauapebas, com a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e, principalmente, com a descoberta do garimpo de Serra Pelada, situado no município de Curionópolis, causando a vinda de pessoas de vários lugares do Brasil, principalmente da região Nordeste, especificamente do Maranhão.

Nesse contexto, chegaram várias pessoas de todo o Brasil e em especial do estado do Maranhão. Com o fechamento do maior garimpo a céu aberto do país em 1992, os migrantes que vieram para a região em busca de riqueza ou melhores condições de vida permaneceram aqui e se dividiram entre as cidades mais próximas como Marabá, Curionópolis, Eldorado dos Carajás e Parauapebas.

A partir do final dos anos 80, surge o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), se constituiu no sul e sudeste do Pará, construindo suas primeiras ocupações em fazendas improdutivas, com trabalhadores oriundos também de outros estados, em busca de terra para trabalhar. “A história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é a história da luta pela terra. O MST é fruto da luta de todos os povos que, expropriados ou ameaçados de serem expropriados da terra, passaram a lutar por ela” (ROCHA, 2015, p. 27).

Em 1994, militantes do MST realizaram trabalho de base em Parauapebas, com o objetivo de ocupar a então Fazenda Rio Branco. Importante destacar que algumas das pessoas que se somaram ao grupo que realizaria a ocupação eram fugitivos de fazendas da região.

Na região Carajás, lugar de nascimento e consolidação do MST do Pará, o campesinato é estrangeiro, a realidade que o encontra, como migrante e depois, massa refugada dos grandes investimentos, faz suas lutas em duas perspectivas: a de eliminar a condição de classe do latifúndio para se fixar, e para ser, faz com muitas limitações; e a principal delas, enfrentar a violência estatal e da burguesia agrária escravocrata, numa das regiões aonde se chega a níveis de guerra civil declarada. O “Massacre de Eldorado dos Carajás”,

ocorrido em abril de 1996, é o símbolo até hoje intransponível dessa violência histórica (ROCHA, 2015, p. 22-23).

O Assentamento Palmares II é fruto da ocupação que se deu na referida fazenda, em 1994, na área denominada Cinturão Verde, à época pertencente à mineradora VALE.

1.2. Massacre de Eldorado dos Carajás

Em 17 de abril de 1996, os trabalhadores, após um longo período de espera por uma decisão do governo, saíram em marcha com destino a Belém, chegando a Eldorado dos Carajás, quando então bloquearam a PA-150, a fim de negociar com o Estado ônibus e alimentos para realizar a viagem.

Relatos de assentados que moram ainda hoje no assentamento e estavam presentes no local na época informam que um dos comandantes da polícia militar, o Major Oliveira, de Parauapebas, se apresentou para fazer a negociação, prometendo disponibilizar ônibus e alimentos se os trabalhadores desobstruíssem a PA-150. Como combinado, os trabalhadores desocuparam a rodovia, porém o Estado não cumpriu com sua parte do acordo, não fornecendo alimentos e nem os ônibus, motivo pelo qual os trabalhadores resolveram voltar a ocupar a rodovia. O resultado ficou conhecido internacionalmente.

Dezenove pessoas foram mortas, e estou convencido de que pelo menos cinco delas foram alvos previamente escolhidos. Vítimas de tiros naquele dia e do descaso absoluto das autoridades ao longo dos muitos dias que vieram depois, outros três feridos morreram nos anos seguintes (NEPOMUCENO, 2007, p. 16).

O então governador do Estado do Pará, Almir Gabriel, solicitou que a PM interviesse para que a rodovia fosse desobstruída, de forma que policiais sob comando do Coronel Mario Colares Pantoja, de Belém, com apoio de policiais de Parauapebas, comandados pelo Major Oliveira, foram cumprir as ordens do governador, cercando os trabalhadores na Curva do S, às margens da PA-150, vitimando 19 trabalhadores rurais sem terra, em um crime que chocou o mundo.

Logo após o massacre, devido à repercussão da tragédia e à pressão sobre o governo, por parte dos movimentos sociais do campo e das entidades de defesa dos direitos humanos, a Fazenda Rio Branco foi negociada pelo INCRA.

O momento da ocupação foi em junho de 1994, a gente saímos de Parauapebas pra terra na área da Vale do Rio Doce na margem do rio de Parauapebas, acampamos em Marabá em frente do INCRA, depois voltamos pra

Parauapebas e acampamos em frente à portaria, voltamos pra frente da Câmara dos Vereadores, aí fomos pra uma área do município onde hoje é o bairro Altamira, aí fomos despejados lá da rua, depois ficamos em frente o Zé da Areia no mês de maio, já quase completando um ano de acampados, aí entramos pra essa área do Rio Branco e ficamos acampados ali onde é a Palmares Sul que era chamada Vila da Barata. Na época, desapropriaram a área e foi dividida, e então ficou umas pessoas lá e outras vieram pra Palmares II. Eu estava no momento que ocuparam, foi uma meia-noite do dia 14 pro dia 15 de maio. No momento da ocupação foi um sentimento de emoção, ansiedade, a gente estava muito tempo ansioso pra chegar na terra pra poder trabalhar, fazer roça. Estávamos bem otimistas, apesar daquele medo de ser atacados pelos pistoleiros, policiais, mas foi bom, graças a Deus não teve nenhuma repressão, depois que entremos aqui só ameaça de nome, mas não chegou mais ordem de despejos depois que entramos nessa área aqui da Palmares. Não houve nenhum outro conflito pra nos tirar daqui não, depois que chegamos aqui não. Confronto mesmo pesado, forte que tivemos foi do despejo da área da Vale na primeira ocupação em frente à portaria da Vale do Rio Doce novamente, lá sim foi um confronto pesado com pontapé mesmo, não teve armas, mas teve pedradas, teve pauladas (Edimar Moreira Silva, o

“Poeta”, entrevista concedida em 2016).

O Massacre de Eldorado dos Carajás teve grande repercussão, acelerando a entrega das terras do Assentamento Palmares II e do Assentamento 17 de Abril, marcando a história da luta pela terra e tornando o MST conhecido mundialmente.

A tragédia não tinha assustado nem desalentado os camponeses do Movimento Sem Terra. Os havia multiplicado, e neles havia multiplicado a vontade de trabalhar, de trabalhar a terra, embora neste mundo isso seja delito imperdoável ou incompreensível loucura (ROCHA, p. 53-54).

Após a conquista dos referidos assentamentos, o MST prosseguiu acumulando forças e ocupando terras no Estado do Pará. Entretanto, infelizmente, alguns anos após o Massacre de Eldorado dos Carajás, ainda foram brutalmente assassinados outros dois líderes do movimento, em 1998, novas vítimas da violência no campo: Onalício Barros, mais conhecido como

“Fusquinha” e Valentim Serra, conhecido como “Doutor”.

1.3. Assentamento Palmares II

Após a negociação da fazenda pelo INCRA, cada família acampada recebeu um lote para produção com cinco alqueires e um lote dentro da vila do assentamento para habitação. Os assentados poderiam escolher onde desejariam morar, de modo que, na época, a maioria decidiu morar nos lotes de produção, devido às dificuldades de acesso e deslocamento, decorrentes da péssima situação das estradas. Nesse primeiro momento, também foi aprovado o projeto habitacional por meio do qual foram construídas moradias para os assentados de Palmares.

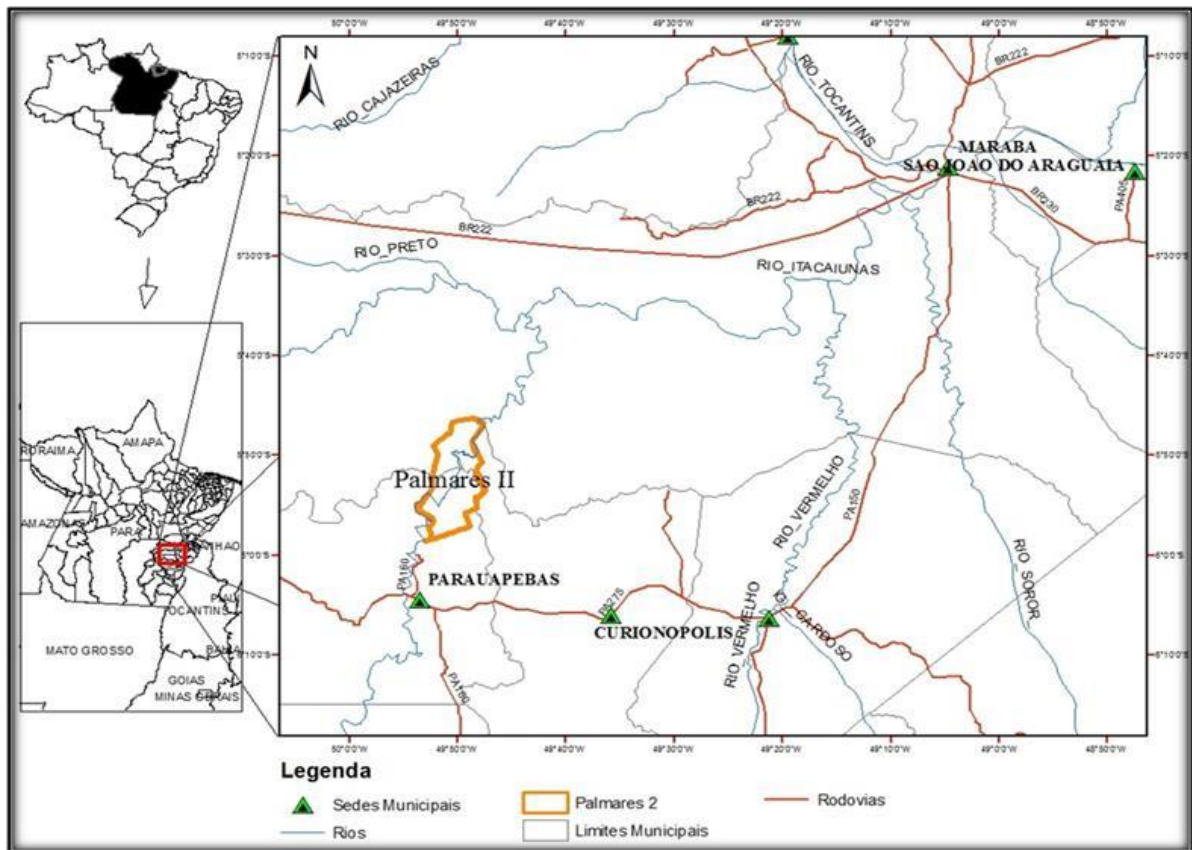
Assim, devido a disputas políticas e desacordos entre os próprios assentados, o assentamento acabou sendo dividido. Durante o processo de negociação com os órgãos responsáveis pela execução da política de Reforma Agrária, ocorrerão algumas divergências, instigadas pelo próprio contexto político, onde pessoas interessadas em se auto promover, em busca de reconhecimento provoca essa divisão entre as famílias assentadas.

Políticos como o hoje Deputado Federal Asdrúbal Bentes, na época candidato à prefeitura de Parauapebas no pleito de 1996, foram até os trabalhadores prometendo cestas básicas, abertura de estradas e crédito para a moradia, obtendo sucesso no objetivo de dividir o assentamento. Os dissidentes, recrutados dessa forma, formaram a Palmares 1 ou Palmares Sul [...] Esse Assentamento é composto de 332 famílias divididas em 9.700 hectares (BRINGEL, 2006, p. 51).

Em decorrência dos desentendimentos, o assentamento foi desmembrado em dois, cada um com sua própria vila: Palmares Sul (antes Palmares I) e Palmares II. Palmares Sul ficou localizada bem próxima à cidade de Parauapebas e Palmares II ficou localizada a 20 km da sede do município. Ambas as vilas receberam o nome de Palmares em alusão à luta contra a escravidão no Brasil, homenageando Zumbi, que tombou na luta pela libertação do povo negro.

Palmares II está localizado no sudeste do Pará, no referido município, fazendo divisa com o PA Vale da Liberdade e com a Gleba Itacaiúnas, ao norte; com o PA Palmares Sul, ao sul; com o Rio Novo, a leste; e com o PA Rio Branco, a oeste. O assentamento fica próximo à Serra dos Carajás e é cortado pela Estrada de Ferro Carajás. Parte dos limites do assentamento coincide ainda com a divisa do município de Parauapebas com os municípios de Marabá e Curionópolis. Palmares II contava com um estoque de terras, no momento da desapropriação, de 15.848 hectares. Dentre estes, 7.697 hectares encontravam-se, até meados da década passada, cobertos por pastagens, enquanto 450 hectares eram de capoeira e 4.500 hectares de floresta primária (BRINGEL, 2006).

Figura 1 – Localização do Assentamento Palmares II.



Fonte: Extraído de Moreno (2011), elaborado por Rogério Bordalo, em 2010.

Conquistada a terra as famílias sentiram a necessidade de se organizar no sentido da produção, o que levou a decisão de fundar a associação do Assentamento. Dessa forma fundou a Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares (APROCPAR) foi através da associação que as famílias obteve várias conquistas para os moradores de Palmares II, tais como: pocilgas, dois caminhões, uma beneficiadora de arroz, dois geradores de energia e quatro tratores. A usina e a pocilga foram construída dentro do assentamento Palmares II, como também os caminhões ficavam no assentamento a serviço da comunidade.

Figura 2 – Sede da APROCPAR.



Fonte: Raiany Marques, 2019.

Figura 3 – Galpão da antiga usina beneficiadora de arroz.



Fonte: Raiany Marques, 2019

Na figura acima está a usina de beneficiamento de arroz uma das primeiras conquistas dos moradores do assentamento Palmares II, atualmente a usina esta desativada. Hoje o galpão da usina é usado para outras atividades, e também é alugado para as empresas que prestam serviços no assentamento.

“ A terra que emana rios de leite e ribanceiras de cuscuz” : O impacto da Mineração na vida camponesa.

Atualmente, o Assentamento Palmares II conta com mais de 15 mil habitantes, boa parte deles oriundos de Parauapebas, além daqueles vindos de outros estados brasileiros, que recorreram às áreas do campo em busca de melhorias de vida. Em decorrência, houve um inchaço populacional na vila do assentamento, determinada por fatores como as recorrentes vendas de lote e invasões de áreas públicas ao redor do assentamento, bem como a presença do Projeto Grande Carajás e, conseqüentemente, a chegada das empresas terceirizadas que prestam serviços à mineradora Vale.

Como citado acima, Palmares II é cortada pela estrada de ferro e os ônibus das empresas terceirizadas passam por dentro do assentamento no trajeto até as áreas em que os trabalhadores desempenham suas atividades.

Nessa transição de acampamento para assentamento, certamente houve várias mudanças, positivas e negativas. A mobilização dos assentados, por exemplo, tem se tornado cada vez mais difícil, visto que antigamente era muito fácil reunir os acampados: com apenas um foguete, em alguns minutos, o povo já estava todo reunido. Entretanto, os interesses que eram predominantemente coletivos passaram a ser gradativamente individuais, depois da conquista da terra. Isso fez com que o assentamento se desmobilizasse de certa forma, existe uma dificuldade para reunir os assentados para realizar mobilizações em favor da comunidade. Hoje, as lutas para o bem coletivo têm se tornado cada vez mais difíceis de empreender com a participação massiva dos assentados.

Porém com todas essas dificuldades que estão postas, alguns assentados ainda conseguem se reunir e travar algumas lutas com o poder público, em busca de melhoras e investimentos para o assentamento. Por conta dessas dificuldades e, principalmente, com o aumento do índice de desemprego no assentamento e redondezas, se fez necessária, em 2013, a criação de um movimento que lutasse em prol das causas dos trabalhadores, denominado CTERP.

O objetivo do movimento é mediar o diálogo entre os trabalhadores e as empresas, para que estas contratem a mão de obra local. Com esse movimento, várias pessoas de Palmares II conseguem emprego, o que, em alguma medida, contribui para diminuir a saída dos jovens para as cidades à procura de trabalho. Todavia, ainda não é o suficiente, de forma que é de suma importância que o assentamento se desenvolva com projetos e investimentos

em educação voltados aos jovens, que evitem que estes precisem sair para estudar e trabalhar em outros lugares e tenham, localmente, outras oportunidades de emprego além daquelas oferecidas pelas terceirizadas da Vale.

O surgimento do “movimento dos desempregados”, como é chamado, foi uma necessidade e não algo planejado, diz um dos líderes. O que acontece é que, por volta de 2010, ao final das grandes obras do Projeto Carajás, que outrora ofertava inúmeros postos de trabalho, após anos de uma migração exacerbada para o município de Parauapebas, extinguem-se inúmeros postos de trabalho, até então existentes em abundância. Em decorrência, uma enorme massa de trabalhadores que migraram para a região do Grande Carajás (isso não é exclusividade de Parauapebas, mas também engloba Canaã e Curionópolis) fica sem trabalho formal, com carteira assinada. É importante que se registre que grande parte desses trabalhadores são nordestinos que vieram para o Pará em busca de oportunidades, como diz o *jingle* de um locutor de rádio da região, que aqui é a “terra que emana rios de leite e ribanceiras de cuscuz”.

Quando esses trabalhadores chegaram aqui, eles se depararam com uma realidade totalmente diferente, ou seja, realmente existiam os postos de trabalho, mas como eram, em sua maioria, sujeitos com formação precária, não conseguiam ocupar os melhores cargos, assumindo o serviço braçal, exaustivo, em uma região de aluguel exorbitante nos centros urbanos, com custo de vida altíssimo, de maneira que eles dificilmente conseguiam se estabilizar economicamente. Entretanto, após terem migrado e constituído famílias, esses sujeitos, uma vez desempregados, também tinham reduzida a possibilidade de voltar aos seus locais de origem, porque grande parte deles estavam aqui há oito, dez, quinze, vinte anos.

Mesmo diante de novas grandes obras, como a duplicação da malha ferroviária, já existia na região uma grande oferta de mão de obra, ou seja, uma mão de obra avulsa excedente diante dos postos de trabalho que o empreendimento gerou. As comunidades mais afastadas do centro urbano são muito mais discriminadas e colocadas à margem dessa oferta de vagas em função da distância e da estratégia dos empregadores de não dispor de transporte para reduzir custos. Entretanto, Palmares II e Palmares Sul são comunidades diretamente impactadas pelo projeto de expansão da malha ferroviária.

Dessa forma, os trabalhadores, revoltados com a falta de oportunidades em um cenário de trânsito cotidiano intenso de operários das empresas vindos do centro urbano, resolveram fazer uma manifestação, que estabeleceu diálogo com o ente privado como nunca

tinha sido visto antes: a mineradora Vale, contratante das referidas empresas. A partir de então, se estabeleceu um processo de negociação com as comunidades impactadas pelas obras.

Durante o processo de maturação das negociações, levou pelo menos um ano para que se consolidasse uma primeira instância organizativa dos trabalhadores, o CTERP, que se deteve justamente sobre a reivindicação política de empregos, expresso na exigência “queremos emprego, queremos oportunidade de trabalho”. Basicamente, era essa a grande pauta inicial do movimento, mas ao longo das reuniões e das atividades de mobilização, os trabalhadores foram se educando e ampliando a pauta, que, além da luta por empregos, passou a incluir a garantia de melhores condições de trabalho, estratégias de geração de renda permanente, enfim, precisavam-se discutir também outras políticas. Atualmente, o movimento conta com mais de 700 trabalhadores cadastrados.

Entretanto, mesmo o movimento se constituindo enquanto um espaço que amplia as oportunidades para se conseguir trabalho formal, há jovens que ainda não se somaram a essa luta por diversas questões.

Tem uma questão familiar ideológica. Poucos dos jovens, eles não vão a uma reunião ou outra, eles podem não acompanhar a vida cotidiana do movimento dos desempregados, mas há um ou outro que já foi a uma reunião acompanhar. Todo jovem hoje que tem outro nível de consciência de que quer estudar, a família tem uma estabilidade e não quer ir pro emprego formal de carteira assinada, ele procura uma faculdade. Pouquíssimos jovens pensam assim, e os que não estão buscando oportunidades aqui, estão buscando fora. Nós tivemos no último período, muitos trabalhadores migrando, e isso não é uma exclusividade da Palmares, que passa por esse momento. Alguns desesperançados com esse cenário, com essa conjuntura que estamos vivenciando, estão buscando oportunidade em outros estados (Antônio Marcos da Conceição Santana, coordenador do CTERP, entrevista concedida em 2019).

Muitos jovens do Assentamento Palmares II ainda têm o estudo como algo mais importante do que entrar no mercado de trabalho, de forma que saem da comunidade em busca de formação.

Hoje, com 24 anos de existência, mas ainda bem jovem, a comunidade vem se desenvolvendo através das lutas travadas diariamente, mesmo com toda a dificuldade de mobilização. Com o movimento CTERP, o número de desempregados diminuiu, mas as mobilizações em Palmares II não são apenas para reivindicar emprego. Os moradores se mobilizam também para a melhoria da infraestrutura do assentamento, como a pavimentação das ruas, iluminação pública, reforma das escolas, manutenção das estradas para chegar aos

lotes e criação de cooperativas. O assentamento possui quatro escolas, associações de moradores e de produtores, feira dos produtores, posto de saúde, igrejas, grandes estabelecimentos comerciais, cooperativas de transporte e de produção, como a Cooperativa de Trabalho e Empreendedores Rurais de Palmares II, COOTERP.

Todas as lutas que asseguraram essas conquistas foram coletivas, mesmo que, com o passar do tempo, os interesses tenham se tornando mais individuais. Palmares II se mantém na luta porque afinal teve a trajetória marcada por grandes perdas e vitórias para se tornar esse grande assentamento, marcada pelo sangue de companheiros que tiveram suas vidas interrompidas, tombando no caminho.

1.4. Escolas do Assentamento Palmares II

A busca pela educação sempre teve um lugar importante no horizonte dos camponeses, representando um dos motivos que levam a deslocamentos espaciais, seja pela busca ou pelo encontro. A elevação da escolarização é um dos objetivos que pautam as decisões de famílias no meio rural, pois entre os motivos para migração encontrados, melhorias no acesso à educação são uma constante. Além disso, uma das principais reivindicações no que se refere às políticas públicas nos assentamentos rurais é a institucionalização da escola que atende tanto às crianças como aos adultos assentados. Esta é uma demanda generalizada e recorrente nos projetos de assentamento em todo o Brasil (BRINGEL, 2006).

O Assentamento Palmares II possui quatro escolas, sendo uma delas a Escola de Educação Infantil Maria Salete Ribeiro Moreno, outra de ensino médio, sem prédio próprio, além de duas de ensino fundamental. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Oziel Alves Pereira recebe esse nome em homenagem ao militante do MST morto no Massacre de Eldorado dos Carajás. A escola de educação infantil mencionada homenageia Maria Salete Ribeiro Moreno, educadora e militante do MST no estado do Maranhão e encontra-se estruturada para receber crianças na faixa etária de três a seis anos de idade.

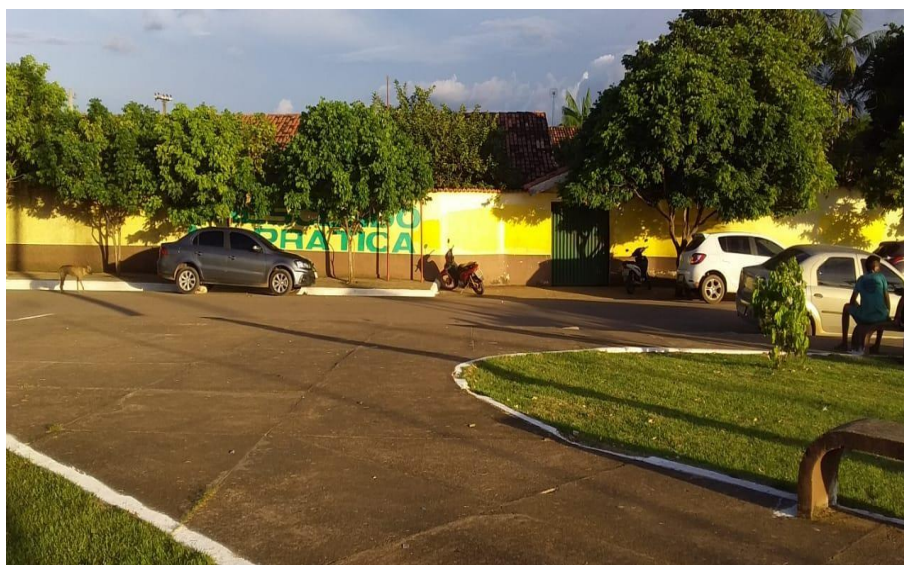
Há ainda a Escola Crescendo na Prática que merece destaque por ser a primeira do assentamento, criada ainda em Marabá quando os sem terra encontravam-se acampados na Superintendência Regional (SR-27) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Diante da grande quantidade de crianças, os trabalhadores acampados decidiram que as mesmas não podiam ficar sem estudar e se organizaram para, ali debaixo das árvores

da referida instituição, criar a Escola Crescendo na Prática, inicialmente de forma bem precária, sem condições de disponibilizar suportes importantes como a merenda escolar, além de material didático. Entretanto, aqueles educadores voluntários se desafiaram a oferecer para aquelas crianças o direito ao acesso à escola.

O nome foi sugerido por uma das educadoras que era voluntária na escola e, inicialmente, foram atendidas 300 crianças, ainda no INCRA. A escola foi reconhecida pelo MEC em 1996, ofertando apenas o ensino fundamental. A partir da crescente necessidade de oferta do ensino médio no assentamento, a Escola Crescendo na Prática cedeu o prédio para que funcionassem as aulas deste nível, que passou a ser reconhecida pelo MEC como escola de ensino médio em 2014. Com elevado número de alunos, a Escola Crescendo na Prática já não comportava toda a demanda, motivo pelo qual houve a necessidade de criação de uma nova escola. Na realidade, todas as escolas citadas surgiram por esse motivo, pois até então, a Escola Crescendo na Prática era responsável pela oferta de todos os níveis de ensino, da educação infantil até ao ensino médio. Com a construção de mais duas escolas, a Escola Crescendo na Prática ficou responsável pela segunda etapa do ensino fundamental e pelo ensino médio; a Escola Oziel Alves Pereira é responsável pela primeira etapa do fundamental; e a Escola Maria Salete Ribeiro Moreno é responsável pela educação infantil.

A Escola Crescendo na Prática, no ano de 2005, atendeu cerca de 1.200 alunos e era responsável pela matrícula de 6,5% dos alunos de toda a rede municipal de Parauapebas, além de uma das poucas a oferecer ensino médio para alunos do meio rural (BRINGEL, 2006).

Figura 4 – Escola Crescendo na Prática.



Fonte: Raiany Marques, 2019.

1.5. Cultura e atividades econômicas do assentamento

No assentamento, houveram dois grupos culturais: um voltado ao bumba meu boi, carimbó e cacuriá e outro voltado à prática da capoeira. Esses grupos permaneceram ativos por alguns anos, mas hoje não existem mais dentro do assentamento, embora aconteçam algumas apresentações de capoeira e, às vezes, de carimbó, em datas específicas. O Assentamento Palmares II já teve uma vida cultural mais diversificada, mas ainda é responsável por grande parte da produção comercializada na feira do produtor da sede do município de Parauapebas: havia grande produção de arroz, mandioca e milho.

Em conversa informal com um assentado, ele disse que a falta de organização fez com que muita coisa acabasse, inclusive os projetos coletivos. A produção também foi diminuindo, principalmente a de arroz, assim como outras também. Alguns agricultores optaram pela criação de gado, para ter a venda de leite, queijo e outros derivados. A diminuição da produção ocorreu também devido à partida dos filhos para outras cidades, de acordo com outro morador, também em conversa informal.

Entretanto, grande parte dos moradores de Palmares II ainda vive das atividades agrícolas e da pecuária, que garantem tanto o sustento das famílias como a comercialização no assentamento e na cidade de Parauapebas. Outros moradores são comerciantes, funcionários públicos e trabalhadores das empresas terceirizadas da Vale. Há ainda aqueles que trabalham como caseiros de sítios.

Entre os jovens, foco da pesquisa, muitos ainda trabalham juntamente com os pais no campo e comercializam na feira de Parauapebas, onde boa parte dos agricultores de Palmares II e redondezas que trabalham na agricultura e na pecuária escoam seus produtos. Como relata uma jovem:

Bom, a nossa renda, a gente tira do nosso lote, que a gente vende há mais de quinze anos na feira do produtor em Parauapebas. A gente sempre gostou de mexer, os meus pais principalmente sempre gostou de produzir, sempre tá no meio da agricultura, vendendo na feira de Parauapebas (Vanessa Gonçalves, entrevista concedida em 2019).

No início, se destacaram três associações de trabalhadores: a primeira e mais antiga é a APROCPAR; a sua dissidência é a Associação dos Produtores Familiares do Assentamento

Palmares (APROFAP); e ainda a Cooperativa Mista de Transporte do Assentamento Palmares, a COOPALMAS (BRINGEL, 2006).

Como já citado, havia uma usina de processamento de arroz que atendia todos os assentados. Com o passar do tempo, os agricultores passaram a produzir outras culturas, de mais fácil manejo. Atualmente, a mandioca é a de maior volume de produção, mas tem crescido também o cultivo de hortaliças, além da fruticultura para a comercialização de polpas.

Entre os fatores apontados por moradores para justificar a redução ou mesmo a desistência da produção estão a falta de saúde para continuar com o trabalho na roça, além da ausência de políticas públicas de apoio aos produtores. Em decorrência, alguns assentados venderam seus lotes e foram embora.

A juventude do início do assentamento protagonizou, junto com suas famílias, a produção agrícola e a geração de renda decorrente, mas com o passar do tempo os jovens passaram a sentir outras necessidades, buscando outros meios de sobreviver que não o trabalho no campo, cada vez mais identificado com o trabalho no sol quente sem remuneração individual. A remuneração empregatícia tem sido cada vez mais o foco dos jovens que buscam sua independência financeira.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE E TRABALHO NO CAMPO

No esforço de compreender os jovens do campo e suas perspectivas, Stropasolas (2006) afirma que o meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e desigual, onde a juventude é afetada de maneira mais dramática pela dinâmica de diluição entre espaço urbano e rural. Além disso, o autor também associa a questão à falta de perspectivas para quem vive da agricultura, decorrente da impossibilidade de as pessoas acompanharem este padrão de modernização. Essas mudanças no meio rural fazem com que os jovens repensem suas identidades, relações sociais e projetos de vida, tornando-os cada vez mais convictos de que a saída do campo pode proporcionar melhoria de vida, novas oportunidades e espaços no mercado de trabalho, com remuneração superior aos ganhos na agricultura.

A busca por educação de qualidade, que raramente é ofertada no campo, também pode ser um fator que contribui bastante para que essa saída dos jovens esteja aumentando. Dessa maneira, é importante refletir sobre a importância da juventude no campo e identificar

os desafios enfrentados para garantir a permanência no campo enquanto projeto de vida. Nos últimos anos, podemos perceber que a juventude rural tem migrado cada vez mais para a cidade, o que evidencia a necessidade de entender como as mudanças no campo acarretam uma crescente compreensão entre os jovens de que é necessário sair de suas comunidades para assegurar melhores condições de vida.

Cabe ressaltar que há ainda uma carência de políticas públicas voltadas ao campo, sobretudo voltadas à juventude, o que poderia contribuir para a independência financeira e o ganho de autonomia nas decisões sobre a própria vida, tão desejados pelos jovens. Nesse sentido, Stropasolas (2006) nos faz refletir sobre a migração dos jovens do campo para a cidade, quando questiona os motivos pelos quais alguns jovens não veem o campo como um espaço para o crescimento econômico e social, a partir da agricultura. O autor aponta para preocupações dos jovens que se referem a trabalho, economia, educação e lazer, incluindo até o casamento entre eles, porque os centros urbanos seriam visados enquanto espaços privilegiados para relações afetivas. Em decorrência, mulheres, homens e jovens, quando saem do campo para estudar, em sua grande maioria, não retornam para sua comunidade de origem.

Diversos depoimentos indicam que as moças que saem para estudar não regressam mais às comunidades rurais e, ao buscar os estudos, recusam o casamento com os filhos de agricultores porque isso representa a continuidade da condição social da mulher na agricultura, condição já vivida por suas mães, e que elas não pretendem reproduzir. Parcela expressiva dos rapazes projetam o futuro na agricultura, enquanto as moças, pelo descontentamento com a situação (mais explícito entre as filhas de agricultores mais empobrecidos, mas não menos importante entre as filhas de agricultores capitalizados) sonham com outras perspectivas profissionais, particularmente vinculadas à cidade (STROPASOLAS, 2006, p. 22).

Entretanto, nossa experiência com a presente pesquisa dá conta de que também há jovens, homens e mulheres, que acreditam que o campo pode se constituir em um suporte que os ajuda a encontrar meios de crescimento e pensar perspectivas profissionais a partir do trabalho na agricultura. Como diz a jovem Vanessa Gonçalves:

Bom, o papel da juventude no campo é extremamente necessário, eu posso citar o meu exemplo, porque eu trabalho no campo desde que eu me entendo por gente e eu aprendi várias coisas, ajudei os meus pais, tipo, no básico, mas eu não tenho vergonha disso, não tenho vergonha de trabalhar no campo, não tenho vergonha de trabalhar na feira. É assim que eu tô pagando os meus estudos. É assim que eu tô pagando o meu curso e a importância do

jovem no campo ou qualquer outro meio de trabalho é ter sua renda, porque nem sempre os pais podem ajudar a pagar as despesas dos jovens e é de extrema importância para que isso se concretize, né, e eu estou trabalhando no campo e isso tá me ajudando muito, a renda tá me ajudando muito a pagar meus cursos, meus estudos, e eu acho de extrema importância o trabalho do jovem no campo atualmente. Entretanto, sabemos que quase nenhum jovem aqui na Palmares II tem essa mesma mentalidade, porém se todos tivessem seria ótimo para a nossa comunidade (Vanessa Gonçalves, entrevista concedida em 2018).

Segundo Stropasolas (2006), os jovens rurais permanecem na invisibilidade no que diz respeito à sua inserção nas esferas sociais. O referido autor diz também que não existe um tratamento adequado às especificidades destes jovens, tendo em vista que no escopo das políticas públicas, não se diferencia gênero e faixa de renda para incluir estes jovens em programas governamentais. Embora não sejam exatamente decisivas na vida dos jovens, políticas públicas voltadas à juventude poderiam contribuir para que estes repensassem sua permanência no campo.

Na entrevista reproduzida acima, a jovem evidencia a importância do campo na vida destes jovens, que não é apresentado apenas como local de moradia, mas visto também como espaço de crescimento intelectual e profissional, onde há a possibilidade de desenvolvimento enquanto jovem do campo que mobiliza essa identidade.

Entretanto, existem problemas estruturais da sociedade que impossibilitam e dificultam a realização dos projetos de vida desses jovens. A sociedade que vive em áreas urbanas e até mesmo parte das pessoas que vivem no meio rural criam estereótipos em relação à juventude do campo, que sofre preconceitos e é considerada atrasada, por não ter acesso a educação de qualidade e a outras formas de inserção nos meios sociais considerados modernos. Esses estereótipos que se referem ao camponês negativamente não surgiram recentemente, porém ainda perpassam os dias atuais, trazendo constrangimento para quem é do campo e para quem vive da agricultura. Em alguma medida esses preconceitos também são causadores do abandono do meio rural.

Em decorrência, a juventude que ainda vive no campo tem o desafio de superar esses processos de exclusão, desigualdade social e negação de direitos, entendendo também que fazem parte de uma construção social e que o campo tem que ser visto pelo poder público como um espaço produtor de cultura e identidades, um espaço de construção de conhecimentos valiosos. Não há necessidade de evasão dos jovens do campo para a cidade, desde que se criem e desenvolvam projetos de forma que atendam às necessidades dos povos

do campo, projetos que possam fortalecer mais ainda a identidade camponesa, contribuindo com a consolidação de territórios historicamente de resistência.

Elisa Guaraná (2009) também nos ajuda a compreender as questões relacionadas à juventude, campo e cidade. Para a autora, a juventude é vista no meio social como um agente de transformação, embora exista paralelamente uma inversão nesse quesito, em que a juventude se encontra associada à delinquência. A autora diz que o termo “delinquência juvenil” é utilizado para retratar uma forma de comportamento que seria comum. A juventude, de certa forma, é “diagnosticada” a partir desse problema, quando algumas políticas públicas são propostas para essa faixa etária.

Assim, programas governamentais são desenvolvidos a partir desta perspectiva, no intuito de reintroduzir na sociedade os excluídos, naturalizando visões preconceituosas que relacionam juventude e delinquência. Contudo, há ainda mais problemas na execução de políticas públicas, no caso de jovens do campo: os programas sociais voltados à juventude, quando desenvolvidos, são pensados principalmente a partir da juventude da cidade. Então, se existem poucos programas para a juventude, estes praticamente inexistem para a juventude camponesa, que acaba sendo atendida, quando é atendida, por programas voltados ao público jovem das cidades.

Guaraná (2009), se remetendo à contribuição de vários autores, afirma que a juventude está associada a substantivos e adjetivos como “vanguarda”, “transformadora” e “questionadora”, em uma correlação que subentende papéis sociais privilegiados para indivíduos identificados como jovens agentes de transformação social por excelência. Entretanto, a mesma autora alerta ainda para adjetivações que expressam fragilidade, como “em formação”, “inexperiente” e “sensível”, ou, pior ainda, associações a delinquência, violência e comportamentos desviantes, que apontariam para sujeitos que, podendo se desviar no percurso em que são direcionados para assumir seu papel social, precisam, portanto, ser controlados.

É nessa contraposição entre sujeitos de transformação social e sujeitos sem maturidade ao ponto de poder enveredar pela delinquência, que os jovens tentam assumir o controle sobre seu futuro. No Assentamento Palmares II não é diferente.

2.1. Juventude e trabalho no campo, na visão de jovens do Assentamento Palmares II

Os jovens, moradores das cidades ou do campo, projetam o futuro, seja no trabalho ou no estudo. A juventude das cidades talvez tenha acesso mais facilitado à educação formal e ao trabalho remunerado, por vivenciar espaços onde o estado está ou aparenta estar mais presente, o que pode contribuir para despertar o desejo de migrar para a cidade entre os jovens do campo, ao encontro de oportunidades, estratégia que, entretanto, pode ser facilmente frustrada. Chegam cotidianamente as notícias daqueles que se aventuraram e conseguiram se inserir no mercado de trabalho, êxito nos estudos ou nos esportes, narrativas que alimentam o imaginário da cidade como lugar do sucesso.

Além disso, a juventude camponesa que decide sair do núcleo familiar impacta na produção e, conseqüentemente, na geração de renda, de forma que essa estratégia pode originar mais de um problema, porque um membro da família passa a demandar suporte financeiro fora de casa, ao mesmo tempo em que desfalca a mão de obra que provê o sustento da família como um todo.

Entretanto, a oferta precária de educação formal e o reduzido número de vagas em ocupações não agrícolas se somam ao imaginário da cidade de oportunidades. Em alguns casos mesmo que um jovem se sinta pertencendo à comunidade, como por exemplo a jovem a seguir, ainda assim, ela avalia necessária a saída do campo para a cidade em busca de estudo.

Bom, eu não sei de exato no momento te responder se eu quero sair da Palmares, porém aqui é o meu conforto, minha casa, aqui é aonde eu tenho os meus amigos, meus familiares, porém eu sinto vontade de sair para cursar o meu curso superior. É porque aqui em Parauapebas, a quantidade de curso superior está precária, né? E eu pretendo sair sim, daqui da Palmares para cursar o curso superior (Vanessa Gonçalves, entrevista concedida em 2018).

Nas falas dos jovens, eles apontam recorrentemente a falta de emprego e de estudo de qualidade como os principais determinantes da vontade de sair. Dessa forma, podemos nos perguntar: qual a contribuição da escola para a permanência da juventude no campo? De que forma a escola pode incentivar esses jovens a permanecer no campo?

Tentando responder a esses questionamentos, outra jovem entende que, se por um lado, a escola tem o papel de incentivar os estudantes à formação continuada, por outro, ela relata que os professores incentivam os alunos a estudar para sair do campo.

Os professores nos ensinavam que tínhamos que estudar para sair do campo e migrar para a cidade, como se o campo não pudesse nos propiciar uma vida de qualidade (Lícia Milena Amarante, entrevista concedida em 2018).

Ao longo de seu relato, essa estudante deixou transparecer que considera o campo um espaço de construção de ricos conhecimentos, embora não desconheça o preconceito que o apresenta como lugar de atraso, refletindo que a saída do campo possui implicações negativas, pois os jovens perdem sua identidade, ao mesmo tempo em que se distanciam de familiares e amigos.

A maior parte dos entrevistados na pesquisa avalia que o jovem é importante no campo e desempenha papel fundamental, seja como força de renovação ou mesmo de transformação, como apontada por Guaraná (2009), ou como um dos alicerces do núcleo familiar, onde todos se ajudam mutuamente para garantir o bem-estar de toda a família. Para esses jovens, a necessidade de sair do campo se deve à necessidade de acessar direitos básicos que eles entendem lhes serem negados, como educação, saúde, lazer e outros. Como essas negações não atingem somente os jovens, mas impactam todo o meio social onde estão inseridos, professores oriundos da cidade podem acabar reafirmando a necessidade de saída do campo para que se goze de cidadania plena, em vez de contribuir para a construção de conhecimentos que permitam superar o quadro vivenciado pelos jovens, como podemos depreender do depoimento citado acima.

Entretanto, nem tudo é consenso entre os jovens entrevistados. Uma jovem considera que o trabalho na agricultura é importante e ajuda muito, mas acredita que a escola tem que incentivar os jovens a procurar outros meios de vida, para além da atividade agrícola.

Essa pergunta aí da escola em relação ao jovem no mercado de trabalho, eu fico com um pouquinho de dúvida, porém eu vou te falar a verdade, a nossa escola aqui da comunidade tá um pouquinho atrasada a influenciar ao mercado de trabalho. Entretanto, tem uns professores que tocam nesse assunto na sala conosco, que é de extrema importância o jovem terminar o médio e procurar fazer um técnico, procurar fazer um ensino superior para que eles possam avançar, né, não só nos contentar em terminar o médio e ficar por aqui mesmo na agricultura e tal. Por quê? É importante? É, mas sabemos que ainda não gera uma renda boa, né? Dá pra ajudar? Dá, porém se quisermos progredir, temos que caçar meios para que isso se concretize, né, então eu creio pra mim que a única forma de fazer valer a pena e que se concretize é a gente, depois de terminar o médio, é caçar meios de entrar em uma universidade ou fazer cursos. Assim, cursos técnicos também é de extrema importância, né, e eu acredito que o papel da Escola Crescendo na Prática ou pode ser até de criancinhas mesmo, eles poderiam começar a falar isso conosco desde pequeninhos pra gente já crescer com esse modo de pensar, não terminar o médio e ficar por aqui mesmo (Vanessa Gonçalves, entrevista concedida em 2018).

Segundo Elisa Guaraná (2009), a juventude rural no Brasil é associada ao problema da migração do campo para a cidade, de forma que ficar ou sair do campo envolve várias questões, nas quais a categoria jovem é construída. Há um discurso bastante comum, em que se cria uma imagem do jovem como desinteressado pelo meio rural em que se encontra inserido. A autora afirma ainda que isso faz com que continue havendo uma invisibilidade da categoria enquanto formadora de identidade social ou agente que expressa demandas sociais.

Entretanto, na agricultura familiar e em Palmares II não é diferente, as crianças aprendem a conviver com a realidade do trabalho desde muito pequenos, associando trabalho e manifestações lúdicas STROPASOLAS (2006). Dessa forma, começando a trabalhar desde muito cedo, cada pessoa executa atividades condizentes com sua idade, de forma que o trabalho na agricultura é construído como um princípio: os jovens só se tornam responsáveis quando conseguem os objetos de desejo a partir do seu próprio esforço. Ou seja, esses jovens mobilizam uma identidade social, construída principalmente a partir do trabalho, que, portanto, jamais deve deixar de ser um princípio educativo nas escolas do campo.

Contudo, se há a mobilização de uma identidade social, as perspectivas individualistas também estão presentes, pois muitos jovens percebem o trabalho e o estudo como escadas para a estabilidade financeira, às vezes entendida como ainda não alcançada por seus pais, e reforçam em suas falas que o campo ainda está atrasado nesse quesito, não possibilitando alcançar esse objetivo, motivo pelo qual eles procuram outros meios de fazê-lo.

Para uma das jovens entrevistadas, é de suma importância a permanência da juventude no campo, de forma que a escola deveria desempenhar o papel de incentivar os estudantes a valorizar o campo enquanto espaço de construção da identidade camponesa.

Renovação, valorização da agricultura na escola, conhecimentos tradicionais, cultura, identidade: o jovem do campo é importante para a manutenção da base familiar, que vive diretamente da atividade agrícola (Laís Moreira, entrevista concedida em 2018).

Os jovens do Assentamento Palmares II que entrevistei para a elaboração deste trabalho se queixam do difícil acesso a programas sociais que acreditam serem ofertados à juventude na cidade.

Apesar da ampliação do número de vagas no ensino superior verificada em período recente, estes jovens sentem que a dificuldade para cursar uma universidade é crescente.

Prosseguir nos estudos implica deixar a família, se distanciar dos amigos, do conforto do lar familiar e do campo, que mesmo sendo visto em alguns casos como um lugar de poucas oportunidades, foi onde construíram e se inseriram em redes de sociabilidade, enquanto se constituíam como indivíduos. Ir para a cidade disputar vagas na universidade ou no mercado de trabalho não é apenas se lançar ao incerto, mas deixar para trás toda uma construção de vida anterior.

Os jovens entrevistados apontam ainda para o fracasso dos projetos municipais destinados à juventude desenvolvidos no assentamento. Eles nem chegam a avaliar os programas pelo teor das propostas ou pelas metodologias de execução, porque as atividades são desenvolvidas em horários incompatíveis com a agenda semanal de estudantes que residem em lotes nas vicinais do assentamento, com todas as dificuldades de deslocamento.

A prefeitura de Parauapebas disponibiliza cursos gratuitamente na cidade para os jovens, às vezes, com algumas vagas destinadas aos jovens da zona rural, mas eles acabam não participando das atividades porque não dispõem dos recursos financeiros necessários ao deslocamento até a cidade. Projetos de educação, lazer ou esporte voltados ao público jovem no assentamento são escassos.

A Escola Crescendo na Prática foi contemplada com o Projeto Mais Educação, que conta com aulas de violão, artes, português, matemática, dança e outras atividades. Porém, apenas os moradores da vila acessaram o programa, porque os jovens que moram nos lotes não puderam participar, em virtude dos horários inadequados a esses alunos, que utilizam o transporte escolar para se deslocar entre suas casas e a vila. Na realidade, em mais de uma ocasião, os jovens que moram na roça não tiveram acesso a atividades como essas.

O Programa Mais Educação é um programa que funciona como se fosse aula de reforço para os alunos, as aulas começam a partir das quatro horas da tarde, mas só quem é atendido por esse programa são os alunos da vila, pois os que moram na roça não tem como eles estudarem por que eles dependem do transporte escolar (Laís Moreira, entrevista concedida em 2018).

Os programas custam a chegar até o assentamento e quando chegam muitos jovens são excluídos das atividades, porque os formuladores de políticas não constroem as propostas de forma que atendam a todos, fazendo-o geralmente sem dialogar com os jovens e sem entender a realidade em que eles estão inseridos.

Mesmo com toda a mobilização camponesa na luta por direitos, na qual a ênfase na educação é muito grande e se inicia ainda na fase de acampamento, o campo permanece

sofrendo de uma enorme carência em termos de possibilidade de estudo, tanto no que diz respeito à oferta do ensino formal em nível técnico ou superior que prepararia os jovens para o mundo do trabalho, quanto na inexistência de projetos que permitam aos jovens pensar estratégias de permanência, acarretando um grande desafio para a reprodução da condição camponesa.

Um exemplo que permite refletir sobre o papel dos estudos na projeção de futuro pelos jovens é o daqueles que cursaram ou cursam a Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Alguns desses egressos e estudantes trabalham nas escolas do assentamento, incentivando outros jovens a seguirem os mesmos caminhos e demonstrando que é possível cursar uma graduação. De acordo com as entrevistas de alguns jovens, no âmbito do presente trabalho, uma das falas recorrentes é que eles pensam em sair da comunidade para continuar estudando, após ter concluído o ensino médio. Os alunos da Licenciatura em Educação do Campo têm influenciado muitos jovens do assentamento Palmares II a seguir estudando, e a alternância pedagógica, um dos princípios educativos que alicerçam o curso, viabiliza que a juventude o faça sem ter que migrar, mesmo que temporariamente, para a cidade. Nesse tocante, inclusive, o assentamento também se constitui em espaço de atividades didático-pedagógicas previstas em componentes curriculares do curso, tanto quanto a universidade, de maneira que sair da comunidade compromete os estudos. A permanência dos jovens com a nova responsabilidade de encaminhar essas tarefas contribui consideravelmente para que estes se construam enquanto sujeitos do campo.

De acordo com o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de oito milhões de jovens vivem no campo. É um quantitativo grande de jovens que ainda veem o campo como lar, espaço de crescer se desenvolver e viver. Entretanto, as dificuldades podem forçá-los a se aventurar em outros lugares. Segundo Guaraná, apoiada em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, do ano de 2004, a população de 15 a 29 anos é de 49 milhões de pessoas, ou seja, 27% da população total. Em meio a este percentual, 4,5% são jovens rurais, ou seja, oito milhões de pessoas, um número significativo que, entretanto, é tratado como minoria, de acordo com a autora.

Não obstante, mesmo os jovens e a juventude estando associados a uma minoria, sem formação, propensos à delinquência, sem responsabilidades, desinteressados pelo campo, eles são desde sempre agentes transformadores em potencial. Para Guaraná (2009), os movimentos sociais se tornaram palco privilegiado dessa juventude, a partir da emergência de organizações

que têm a juventude como forte ator político, a exemplo do MST, Levante Popular Da Juventude, organizações ligadas à igreja, etc.

Elisa Guaraná (2009) traz ainda outro ponto importante quando diz que essa juventude não está no isolamento, mas sim dialogando constantemente com o mundo, enquanto se reafirma como juventude rural, categoria aglutinadora de atuação política. A juventude, seja do campo ou cidade, nos dias atuais, tem se posicionado firmemente nas lutas, atuante nos movimentos, construindo projetos de vida, seja em busca de trabalho digno, seja pelo acesso ao curso superior, ou até mesmo por uma “boa” casa para morar. Nesse tocante, jovens do campo e da cidade comungam aspirações, como Leão e colaboradores (2011) nos ajudam a compreender quando descrevem o que são esses projetos de vida, inspirados na contribuição de

Schutz. Os autores afirmam que projeto de vida, da forma como entendem, seria

Uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de ser perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Nesse sentido, o projeto não deve ser entendido como resultado de um cálculo matemático, estrategicamente elaborado, ou de um processo linear, como está presente no senso comum (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1071).

Os autores mencionados afirmam ainda que esses projetos de vida podem ir mudando de acordo com o tempo, com o amadurecimento, com as possibilidades, ou seja, é algo em construção, que ganhará consistência de acordo com o tempo, que implica passado e futuro. Além disso, essas projeções dependem do contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

O contexto socioeconômico e cultural que circunscreve a experiência dos jovens entrevistados é o Assentamento Palmares II, um assentamento de reforma agrária no sudeste paraense, com histórico de conquista da terra marcado por lutas e intensa mobilização popular, o que permite a enunciação de discursos como este da jovem abaixo.

Precisamos dos nossos jovens no campo e para que isso seja possível precisamos de meios que tragam informações para perto do campo. Uma internet de qualidade, um curso técnico, uma faculdade. Estão cansados de ter que sair de perto das suas famílias para ir longe à busca de conhecimento. Deve ter mais proximidades entre conhecimento e o jovem que está no campo, meios favoráveis para que esses jovens possam estudar e estar perto

de suas famílias, todos sabem que “se o campo não planta, a cidade não janta”. O que seria da cidade sem o agricultor? Então vamos refletir sobre isso, é importante manter os jovens no campo ainda? (Lícia Milena Amarante, entrevista concedida em 2019).

Essa jovem compreende que o jovem não sai do campo simplesmente por sair, sai por necessidade. Em decorrência, ela acredita que a solução para que haja diminuição do êxodo rural por parte dos jovens, é que as necessidades que eles sentem por morar no campo possam ser supridas no espaço rural, que as soluções para os problemas com os quais os jovens se deparam sejam encontradas nos espaços em que eles vivem. E prossegue:

O jovem que sai do campo vai à procura de conhecimento para se aplicar na própria zona rural, vendo as necessidades que têm, eles buscam se profissionalizar para quando voltarem possam ajudar aqueles que ali ficaram. O campo ainda é carente de um médico, enfermeiro, veterinário, um técnico em agropecuária, e de outros profissionais. O jovem que sai do campo pode voltar e trabalhar na comunidade, sem precisar que outros profissionais se desloquem para a zona rural, mas seria mais importante que esse jovem não precisasse sair para se profissionalizar na cidade (Lícia Milena Amarante, entrevista concedida em 2019).

Entretanto, infelizmente, a oferta de educação pelo Estado ainda não assegura que os jovens possam estudar de forma a se tornarem os profissionais de que suas comunidades precisam. Em decorrência, eles seguem saindo de suas comunidades em busca de formação, indo viver nas cidades e tendo que se adaptar a novas realidades. Nessa busca, alguns jovens retornam, outros não.

2.2. Juventude e trabalho no campo, na visão dos educadores da Escola Crescendo na Prática

É importante compreender a visão dos educadores sobre a temática abordada, em especial os educadores da Escola Crescendo na Prática, onde a pesquisa foi desenvolvida. Assim como a base familiar, a escola é fundamental na construção de conhecimento e na formação. Da mesma maneira que acontece com os pais, os jovens veem em seus professores possíveis incentivadores. Em decorrência, se alguns educadores reforçam a ideia de sair do campo, isso pode pesar na escolha dos jovens, assim como quando outros educadores acreditam que o campo é um espaço de reprodução da vida, um espaço de produção de conhecimentos, isso também reflete no que é transmitido aos estudantes enquanto visão de mundo.

Outra visão recorrente é aquela em que o campo é apresentado como um espaço de carência. Se contrapor a essa visão acionando mais do que a menção a valores camponeses, embora estes sejam importantes, exige lutar para que o campo seja reconhecido como um espaço de construção identitária dos sujeitos que aí vivem. São muitas as dificuldades encontradas pelos jovens que vivem no campo, muitos problemas os atingem e precisam ser urgentemente resolvidos: a violência, a pobreza, o desemprego, educação, saúde, lazer. A superação desses problemas depende da formulação e execução de políticas públicas, com participação dos jovens, principais interessados, em todas as etapas. Do contrário, a tendência é o aumento do êxodo rural da juventude.

Mudanças para modelos produtivos que tornem a agricultura mais eficiente, menos impactante ambientalmente, menos penosa e mais estimulante da criatividade humana também são fundamentais, porque se o desemprego rural é um problema que converge para o êxodo rural, trata-se do emprego de carteira assinada, porque na agricultura familiar todos os membros da família trabalham juntos, favorecendo a ocupação da população economicamente ativa, enquanto se assegura o sustento do grupo doméstico.

A agricultura é o principal meio de vida e sobrevivência dos sujeitos do campo. Entretanto, muitos jovens não se sentem atraídos pela atividade agrícola, almejando viver nas cidades, local onde acreditam haver maior diversidade de ocupações. É papel dos educadores entender o que está acontecendo nesse âmbito e quem atua nas escolas do campo vivencia inquietações relacionadas às problemáticas em torno do trabalho, como fica evidente no depoimento a seguir:

Trabalho é toda produção que faz a existência do homem né? É o que dá existência longa, né? O que ele vive, o que ele produz... o estudo é trabalho, é... o lazer... nós que temos uma concepção marxista, o trabalho dá existência ao homem... para mim é o que dá existência ao homem, né? Tem o trabalho, o trabalho intelectual que é leitura, que é estudo, que isso também é trabalho, né? As pessoas acham que estudar não é trabalho, que você ler um livro não é trabalho e é um trabalho árduo, você ter que ler e entender, escrever um livro é um trabalho, né? E a escola pode focar em outro tipo de trabalho... trabalho com divisão de tarefas na escola, né? Limpeza do espaço, pintura da escola, com o cultivo da horta, com o trabalho, mesmo braçal, que também é educativo. Educativo, porque forma, o sujeito aprende. (Messias Marques, gestor escolar, entrevista concedida em 2016).

Para o educador entrevistado acima, trabalho não é só atividade produtiva ou criativa que o homem exerce para ser remunerado ou assalariado. Trabalho também é estudar, que ele

considera trabalho intelectual, um trabalho importante e árduo, ao mesmo tempo em que acredita que o trabalho braçal também educa e forma sujeitos. Daí, a importância do trabalho na escola, o trabalho coletivo, a organização da escola protagonizada pelos estudantes por meio do trabalho: a limpeza da escola, a pintura das paredes, a implantação da horta.

Ao construir a horta, por exemplo, os estudantes podem aprender conteúdos curriculares, enquanto entendem a importância de se produzir alimentos orgânicos, livres de agrotóxicos, mas, além disso, aprendem a importância do trabalho. Mais ainda: a importância do trabalho a que se dedica sua família: a agricultura. Então, estudar é um trabalho, assim como o trabalho é um estudo e ambos são importantes na construção e formação destes jovens estudantes.

O gestor escolar enfatiza ainda algo fundamental para os jovens que vivem no campo, quando diz que o modelo de educação para os trabalhadores, embora exista, ainda está em construção. Ou seja, é importante que os educadores não permitam que a educação escolar se distancie da vida deste jovens trabalhadores.

Se as famílias ainda produzem e ao fazê-lo, reproduzem seus modos de vida, assuntos referentes devem ser levados à sala de aula, tem que ser temas de estudo e o dever da escola é se apropriar disso. É dever da escola conhecer a realidade de seus alunos e discuti-la. E, portanto, não podemos nos esquecer do contexto regional em que estamos inseridos, no qual o trabalho, algo tão importante em nossa sociedade, é também ferramenta de exploração.

Então... o trabalho é muito importante, né? Segundo alguns filósofos trazem algumas frases, né? Que o trabalho dignifica a pessoa humana, né? Que o trabalho edifica... que o trabalho transforma as pessoas... não aquele trabalho, trabalho alienado, né? Tipo escravo, né? Mas o trabalho só liberta a pessoa, dignifica a pessoa, quando é um trabalho em que as pessoas não são explorados, né? (Tevaldo Barros, educador, entrevista concedida em 2016).

O trabalho é importante para o ser humano, mas é importante também que seja prazeroso, não um trabalho forçado, desumanizador. Marx dizia que você não deve viver para o trabalho, mas sim que é através dele que você produz os meios para viver. Os jovens do campo comumente abandonam os estudos para trabalhar pelas mais distintas razões, mas boa parte delas relacionadas à necessidade, à impossibilidade de conciliar trabalho e estudo.

Em uma sociedade individualista e consumista, anseios de ganho monetário e ascensão social implicam cada vez mais na procura obstinada por colocações no mercado de trabalho. A escola é imprescindível na formação dos sujeitos para que eles possam

compreender a importância da educação, enquanto alicerce para o trabalho, enquanto entendem, concomitantemente, que o trabalho educa. A escola deve fazer relação dos conteúdos e das discussões com o trabalho, tanto aquele que reproduz a vida, quanto aquele que explora, para que os jovens, bem informados, possam tomar suas decisões quanto ao futuro. Precisamos de uma escola que ensine os alunos a ler a realidade em que vivem.

[...] ao mesmo tempo que eu preciso do trabalho pra me forjar, eu preciso de alguns espaços para eu entender a importância do trabalho porque isso eu vejo uma carência na juventude em se possibilitar a estar em alguns espaços que debatam o trabalho... que a pessoa entenda enquanto juventude o trabalho espoliativo que só quer te destruir ao mesmo tempo que... eu nunca trabalhei em firma... ao mesmo tempo que eu vejo esse trabalho, eu tenho muito amigo que está se fichando e a ideia deles de trabalho... que trabalho dignifica... esse trabalho espoliativo não dignifica ninguém, mas sim acaba com tua juventude... acaba com tudo... eu trabalhei... enquanto eu sempre trabalhei no campo... trabalhei pra algumas pessoas fichado... não de carteira assinada... mas por mês eu tinha o mesmo salário... eu nunca quis assinar minha carteira pelo serviço que eu ocupava... enquanto juventude entender que esse trabalho que só acaba com a pessoa enquanto ser humano não dignifica e há uma necessidade da juventude se propor a entender isso... a dinâmica do trabalho... como o trabalho forma a pessoa... como o trabalho pode me forjar? Eu olho muito, eu... assim como o trabalho me forja (Fernando Oliveira, entrevista concedida em 2016).

Na fala acima percebemos a necessidade de se discutir esses temas, em um espaço que os trate com interesse e seriedade, para que os jovens do campo tenham conhecimento sobre seus direitos e deveres, para que cobrem do Estado que ofereça educação de qualidade e viabilize a todas as pessoas que vivem no campo o acesso a trabalho digno, assim como saúde, segurança, lazer, etc. Isso só é possível quando a escola articula o trabalho com a vivência escolar.

A educação tem múltiplas importâncias e uma delas é formar sujeitos, mas não só para ler e escrever textos e sim o mundo. Acredito que a escola é uma ferramenta de conhecimento fundamental na libertação dos sujeitos: sujeitos que sejam capazes de ler o que está escrito em livros, jornais e revistas e o que não está. E há quem concorde:

[...] eu acho que a educação tem vários papéis, o principal é formar... formar intelectualmente os sujeitos do ponto de vista acadêmico... do ponto de vista do ler e escrever... mais ela tem que extrapolar isso... ela tem que extrapolar o formalismo do ler e escrever... mas o aluno tem que ler o mundo... conhecer a realidade... tem que interagir com o mundo... não é só sair aquele sujeito moldado... ele tem que se relacionar com o mundo, né? Intervir socialmente de alguma forma... é... a escola tem o papel principal que é de

formar, né? Mas não é formar qualquer sujeito... é formar o sujeito que possa ler o que tá sendo colocado... ler em diversas linguagens... conseguir ler o implícito... não ler só o que tá escrito... ler o implícito. O que tá por trás daquilo lá? A questão da ideologia... ensinar o sujeito a questionar... a ler ideologicamente o mundo, né? A assistir o jornal da Globo e não achar que tudo é verdade, né? Questionar as verdades, né? O que nós vemos muito hoje nas escolas é que a maioria tá formando os sujeitos apenas pra passar no vestibular... pra poder ler e escrever bem... mas não ensina os sujeitos a ler o mundo... é por isso que temos esses desafios que estamos vendo hoje... uma crise ideológica... crise de conhecer mesmo a realidade e os sujeitos querem ver só o que tá posto, não querem ver o que tá por trás... eu acho que a escola agora precisa formar para além do acadêmico (Messias Marques, gestor escolar, entrevista concedida em 2016).

Desta forma, a escola deve ir bem mais além do que as paredes da sala de aula, seja adaptando currículos, reformulando rotinas, reavaliando o PPP: uma tarefa árdua, pois não depende só do esforço do educador para se concretizar, mas envolve todo um conjunto de práticas que apontem para a compreensão de que a educação só é educação se for libertadora, uma educação que permita aos sujeitos enxergar e ler o mundo de várias formas possíveis, ensinando (e aprendendo) sobre todas as áreas do conhecimento, mas sem excluir o jovem da sua realidade, sem excluí-lo do campo onde vive e tem o direito de continuar vivendo, se assim o quiser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as falas dos jovens aqui apresentadas, transparece a reivindicação por educação em primeiro lugar. Um segundo ponto, também bastante recorrente, é a falta de oportunidades de emprego formal, embora alguns vislumbrem continuar trabalhando no lote acessando conhecimentos que os permitam fazê-lo de forma menos penosa, mais gratificante. Entretanto, é principalmente pelas razões mencionadas que os jovens consideram sair do campo. O pouco investimento nas comunidades rurais contribui bastante na decisão destes jovens em procurar outros meios de vida, distantes do trabalho agrícola, mas que os afastam dos pais também. Entretanto, esses jovens devem compreender (e alguns deles já compreendem) que melhores condições, não dizem respeito apenas a uma condição financeira estável, a um emprego com remuneração, a ter um diploma de curso superior ou profissionalizante, porque vida digna depende de muitos outros fatores.

A vida na cidade também pode não ser fácil, não é por estar lá que se tem de tudo, pode-se deparar (e muito facilmente) com a falta de políticas públicas também nas cidades.

Por isso, a importância da proposição de uma educação do campo: ela poderia enfrentar a ausência de projetos educacionais realmente voltados para os jovens do campo, que atendam a suas especificidades e estejam alicerçados na realidade que vivenciam.

Uma educação opressora afeta a vida profissional e intelectual destes jovens, mas também a sua base familiar e comunitária, pois todos se ajudam no trabalho da roça, no trabalho da casa, há a solidariedade e ajuda mútua entre vizinhos, parentes e compadres. Além disso, a formação escolar será afetada também, porque inevitavelmente negligenciada ou até mesmo abandonada. Nesse sentido, pensar políticas públicas para os jovens do campo e desenvolvê-las é fundamental para a preservação da cultura e da identidade dos camponeses.

REFERÊNCIAS

BRINGEL, F. O. **Rumos, trechos e borocas: trajetórias e identidades camponesas de assentados rurais no sudeste do Pará**. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar, Universidade Federal do Pará, 2006.

GUARANÁ, E. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 7, n. 1, 179208, 2009.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011.

MORENO, G. S. **Ação coletiva e luta pela terra no Assentamento Palmares II**, Pará. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, 2011.

NEPOMUCENO, E. **O massacre: Eldorados dos Carajás, uma história de impunidade.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. 214 p.

ROCHA, A. C. **O MST e a luta pela terra no Pará.** Marabá: Editorial iGuana, 2015. 76 p.

STROPASOLAS, V. L. **O mundo rural no horizonte dos jovens.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 346 p.